

SÍNDROME DA CLASSE ECONÔMICA

Estudo de hospital britânico revela: nos últimos três anos, 30 pessoas morreram de coágulos, causados por viagens aéreas de longa duração

Mais casos de trombose

Jader de Oliveira

Correspondente

Com agência Reuters

Até 400 pessoas podem estar chegando ao aeroporto de Sydney todos os anos sofrendo da chamada síndrome da classe econômica, ou seja, coágulos sanguíneos potencialmente fatais, disse ontem o cirurgião australiano Reginald Lord, do hospital St. Vincent, em Sydney.

Segundo ele, apenas em seu hospital foram recebidos 122 casos de trombose nos últimos três anos — “um pouco menos de um caso por semana”. O cirurgião vem pedindo às companhias aéreas há anos para permitir que os médicos realizem estudos apropriados da condição, que ocorre quando coágulos sanguíneos são formados em decorrência da imobilidade. Se os coágulos atingem o coração ou os pulmões, o mais provável

é a morte imediata do paciente.

Na terça-feira, a British Airways decidiu imprimir advertências nas passagens sobre os possíveis riscos criados pela imobilidade dos que passam horas e horas sentados nessas viagens transoceânicas. A empresa refletia um estudo feito pela Câmara dos Lordes no fim do ano passado, segundo o qual os riscos existem para todos os que viajam por longas distâncias, inclusive os que se sentam confortavelmente na primeira classe ou na classe executiva. A preocupação é maior, no entanto, com os que sofrem as restrições de espaço na classe econômica. E, na verdade, é ali onde se tem notícia de mais casos de passageiros que se sentem mal após o desembarque.

No mesmo dia, veio ao conhecimento do público um estudo feito pelo hospital Ashford, que fica próximo do maior ae-

roporto de Londres, o de Heathrow, para onde são levados passageiros necessitando de tratamento de emergência. Este estudo indica que o número dos atendidos ali devido a casos de trombose é muito alto e que, em média, morre quase um por mês. Foram trinta mortes nos últimos três anos, informou o dr. John Belsted, um dos especialistas do hospital.

Quase todas as vítimas morrem depois da chegada. “A imobilidade do corpo nas viagens de grande duração, sobretudo os vôos noturnos que mantêm os passageiros quietos nas suas poltronas, torna estas viagens mais arriscadas”, diz o dr. Belsted. Mas ele não fala de síndrome da classe econômica e, reiterando as conclusões do estudo dos Lordes, declara que o mal pode afetar todos os passageiros.

Na Austrália, por outro lado, a firma de advogados Slater &

Gordon, de Melbourne, informou que mais de 900 pessoas estão reclamando indenização de vinte companhias internacionais, dizendo-se vítimas da síndrome da classe econômica. Eles se apegam ao fato de não ter havido qualquer advertência dos riscos implícitos num vôo de muitas horas e, por isto, querem ser indenizados pelos males que os afligiram.

Os especialistas em turismo acreditam que não haverá muita gente disposta a pagar mais para se livrar da possibilidade de uma trombose. As companhias, portanto, poderão evitar ações na justiça, fazendo aquilo que a indústria do tabaco já faz por força da lei e que a British Airways anunciou fazer na última terça-feira, advertindo dos riscos a que se expõe quem fica muito tempo sentado na poltrona, nem sempre confortável, de um avião.